

UMA COISA NA ORDEM DAS COISAS

ESTUDOS PARA OFÉLIA PAIVA MONTEIRO

CARLOS REIS
JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
MARIA HELENA SANTANA

COORD.

IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS



Maria de Jesus Reis Cabral

Universidade de Coimbra / Centro de Literatura Portuguesa

**‘AU SEUL SOUCI DE VOYAGER’: ENTRE O ‘SALUT’
A VASCO DA GAMA E A MALLARMEANA
CIRCUM-NAVEGAÇÃO NO CORAÇÃO DA ESCRITA**

“O mar é grande por não ter sentido.

Por ser um verso azul feito de espuma,

E de fúria e de bruma,

E nunca se cansar dentro do ouvido.” (Miguel Torga, “Sugestão”¹)

Composto para o *Album commémoratif*² de homenagem a Vasco da Gama, vindo a lume em Paris por ocasião das celebrações do IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, “Au seul souci de voyager” (1898) foi o último poema publicado em vida de Stéphane Mallarmé³, nome incontornável da Literatura francesa no último quartel do século XIX, não só pela singularidade da sua obra, mas também pelo caráter propulsor do seu pensamento crítico no contexto da “revolução” simbolista⁴ – no dealbar da modernidade. No conjunto multifacetado da sua produção poética, este soneto pode ligar-se à prática da “homenagem” amplamente cultivada pelo escritor e que se pode encontrar

¹ “Diário, IV”, in *Diário, vols I a IV*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2010, p. 333.

² *Album commémoratif A Vasco da Gama*, Paris/Lisbonne, 1898, posteriormente incluído nas sucessivas edições das *Poesias* de Mallarmé.

³ Cuja morte inesperada e precoce, cinco meses mais tarde, em Setembro de 1898 (aos 56 anos) arrancaria ao projeto colossal do *Livro* ou *Grand Œuvre*.

⁴ Os anos 1885-1886 são comumente apontados como marco da ‘Revolução simbolista’ (Michaud, 1995). Por reação ao realismo naturalista e ao formalismo parnasiano, o simbolismo demanda o mistério e a essência espiritual, em estreita afinidade com o romantismo alemão de Novalis e com a filosofia pessimista de Schopenhauer.

na série de “tombeaux” “hommages” ou “médaillons”⁵ que dedicou a figuras como Wagner, Poe, Whistler, Gautier, Verlaine ou Villiers de L’Isle Adam, entre muitos outros.

Ao visitarmos hoje este poema dedicado por Mallarmé a Vasco da Gama, estamos assim a relacionar e a convidar a (re)descobrir dois nomes que se podem considerar charneira, um da história, outro da literatura – esta mesmo indissociável da História –; dois nomes separados por quatro séculos, mas cujas *obras* respetivas abriram e continuam a abrir estimulantes percursos de leitura.

QUAND BIEN MÊME LANCÉ DANS DES CIRCONSTANCES ÉTERNELLES

DU FOND D’UN NAUFRAGE⁶

Ao ligar, em maio de 1498, Lisboa a Calecute, Vasco da Gama abria uma página crucial da história nacional e universal, associada a uma nova era, a era Moderna⁷ e, acima de tudo, conquistava um lugar indelével na memória dos homens. O valor simbólico deste feito está bem consubstanciado no gesto de D. Manuel que logo mandou edificar o majestoso Mosteiro dos Jerónimos, “no sítio da modesta capelinha [de Nossa Senhora de Belém]”, isto é no local onde “ao chegar ao Tejo, a 29 de agosto de 1499, Vasco da Gama [se recolhera e fizera] as suas ‘*novenas*’” (Santos, Silva, 1999: 118). É ainda neste contexto de glorificação das Descobertas e das Conquistas que se compreende que João de Barros, o grande historiador quincentista, chegasse a identificar a fama do navegador português à dos mais ilustres nomes da Roma antiga, propondo que fosse acrescentado a Vasco da Gama o cognome ‘da Índia’ uma vez que também Cipião “mais se orgulhava do feito que lhe deu por alcunha ‘Africano’ que do apelido de Cornélio, que era da sua linhagem”⁸.

⁵ Reconduzidos à forma de “poemas críticos” à semelhança de outros escritos de circunstância (como por exemplo as conferências em Cambridge e em Oxford retomadas em “La Musique et les Lettres”) reunidos por Mallarmé em *Divagations* (com primeira edição em 1897).

⁶ Stéphane Mallarmé, *Un coup de Dés jamais n’abolira le Hasard* (1898), in Mallarmé, 1998: 369).

⁷ Veja-se o livro muito informativo de João Marinho dos Santos e José Manuel de Azevedo e Silva, *Vasco da Gama, a Honra, o Proveito, a Fama e a Glória*, Porto, Ed. Ausência, 1999.

⁸ Citado a partir de *Vasco da Gama, a Honra, o Proveito...*, *op. cit.*, p. 118.

O nome do Descobridor tem lugar na nossa memória literária e no nosso imaginário como figura de uma das obras-primas mais simbólicas do património cultural português. Aludimos claramente aos *Lusíadas* (1572) de Luís de Camões, o grande poema épico do Humanismo renascentista, de que a viagem de Gama e dos seus companheiros constitui o lema – se não o leme. À semelhança do que o vate português propusera no Canto primeiro, evocando os ilustres heróis da história pátria, também o narrador-poeta com os seus *Lusíadas* ganharia lugar na galeria daqueles que “por obras valerosas se vão da ley da Morte libertando”. Escrita várias décadas após o grande feito marítimo, a figura do “valeroso capitão” – como se lê ainda no Canto I – é aí objecto de um processo de divinização simbólica, e até mesmo messiânica, bem evidenciado por António Cirurgião⁹.

Esta promoção literária que desde cedo caracterizou a figura de Vasco da Gama, irradiou pelos séculos fora, inspirando vários poetas e artistas, portugueses e estrangeiros, que, à sua maneira particular, perenizaram a coroa de louro do célebre navegante. Como o evidenciaram João Marinho dos Santos e José Manuel Azevedo e Silva, em obra citada anteriormente, “o nome de Vasco da Gama impôs-se a todo o mundo e a sua fama ecoou nos versos e na música de vários autores e compositores estrangeiros” (1999: 129). Entre as inúmeras referências e dentro dos diversos géneros e forma de expressão, associados, como se sabe, a variáveis histórico-culturais, são inolvidáveis as do Padre António Vieira, de Mendes Leal, de Teixeira de Aragão, de Voltaire e dos enciclopedistas Diderot e D’Alembert, ou ainda dos compositores Carlos F. Fash et Georges Bizet, entre muitos outros de grande relevância. Mais próximo de nós no tempo, e para além dos grandes nomes do Romantismo português, como Garrett, também Victor Hugo, com o seu humanitarismo peculiar, celebrou numa comparação luminosa, os homens “dont l’âme, boussole obstinée / Toujours cherche un pôle inconnu / Ces Gamas en qui rien n’efface: leur indomptable ambition”¹⁰. Em elevado patamar

⁹ No seu artigo “A Divinização do Gama de *Os Lusíadas*”, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, vol. XXVI de que citamos o passo seguinte: “um dos significados de *Os Lusíadas* é apresentar o homem, simbolizado por Vasco da Gama, a arrebatado o facho de heroísmo das mãos dos deuses [...] o Gama supera Ulisses e Eneias, vence Baco e o Adamastor e triunfa de Marte e Neptuno”. Outros trechos do seu artigo mostram com pertinência que o próprio percurso do herói argonauta é “uma réplica analógica da vida de Cristo” Aponta, a este propósito, António Cirurgião algumas semelhanças, entre as quais a seguinte: “de Belém saiu Cristo para fundar um novo reino: o reino de Deus sobre a terra; de Belém saiu o Gama para fundar um reino: o Reino Português e Cristão do Oriente” (p. 528).

¹⁰ “Les Feuilles d’Automne”, IV, estrofes 3-4.

igualmente o colocou Fernando Pessoa, ao dedicar-lhe o poema “Ascensão de Vasco da Gama” – um dos mais exímios da sua *Mensagem* – “versão moderna de epopeia”, lembrando a expressão do próprio poeta.

“Nous naviguons, ô mes divers / amis...”¹¹

Foi, no entanto, no âmbito do IV Centenário do feito de Gama e na vaga “comemoracionista” que se estendeu pela Europa no último quartel do século XIX¹², que o nome e a viagem do grande herói mais poetas, dramaturgos e artistas portugueses e estrangeiros inspirou.

No contexto do IV Centenário da viagem de Vasco da Gama, as mais importantes capitais europeias celebraram a data do aniversário com várias manifestações culturais. É o caso de Viena, Berlim, Bruxelas, Londres e Paris, autêntico “salão da Europa” na época, como o notou Stendhal¹³. Neste panorama europeu, a “cidade luz” foi, sem dúvida, aquela que mais fulgor imprimiu a esta efeméride. As comemorações partiram de uma iniciativa de Juliette Adam, certamente motivada pela receção positiva de que o seu livro *La Patrie Portugaise* recentemente beneficiara na capital francesa. Aliando, segundo a expressão de Maria Telles da Gama “a inteligência que comanda ao charme que conduz” (Santos e Silva, 1999: 176), Juliette Adams reuniu uma comissão de quarenta elementos que levaram a cabo diversas manifestações comemorativas nas quais tomaram parte cerca de três mil pessoas de estratos sociais diversificados e de várias esferas, políticas, científicas, militares, religiosas e intelectuais. O auge das celebrações foi indubitavelmente a cerimónia realizada na Sorbonne a 28 de abril de 1898, na qual participaram várias entidades oficiais, para além de inúmeros poetas e artistas. No seu discurso introdutório, M. Janssen, membro da Academia das Ciências, fez a seguinte apreciação da imagem do navegador português:

¹¹ Stéphane Mallarmé, “*Salut*”, *Poésies*, in Mallarmé, 1998: 4.

¹² Visto que, como lembram J. M. Santos e J. M. Silva, se celebra “os centenários de Voltaire e de Rousseau (1878), de Petrarca (1879) e de Victor Hugo (1885) e, em Portugal o tricentenário de Camões (1880), o primeiro centenário de Pombal (1882), o V centenário do Infante D. Henrique (1894), o VII centenário do nascimento de Santo António (1895), o tricentenário da morte do Padre António Vieira (1897) e o IV centenário do feito de Vasco da Gama (1898)” aliás “cuidadosamente preparado desde 1894 – acrescentam os autores” (ob. cit., 1999, p. 156).

¹³ “Paris est le salon de l’Europe et lui donne le ton”: assim escreveu o autor em *Racine et Shakespeare* (cap. I- «Pour faire des tragédies qui puissent intéresser le public...»), Paris, Editions Kimé, 1994, p. 18.

...un génie supérieur qui dut à sa confiance de triompher des éléments et des hommes (Santos e Silva, 1999: 177).

Estudos vários sobre Vasco da Gama, sobre Portugal e sobre os Descobrimientos foram publicados em França no âmbito destas comemorações, entre os quais salientaremos um *Rotier de Vasco da Gama*, editado na *Nouvelle Revue*, precedido de uma biografia do navegador¹⁴. Mas o ponto alto das publicações foi, sem dúvida, a edição do *Álbum comemorativo*, a que acima fizemos referência, publicado pela Guillard, Aillaud & Cie, editora com sede em Paris e em Lisboa e apadrinhada pela rainha D. Amélia. Recolhida por Juliette Adam, a referida coletânea, de “reprodução gráfica cuidada” e de “refinada qualidade estética”, na entendida apreciação de José Augusto Seabra¹⁵, traduz com brilho e maestria a *Homenagem do pensamento francês a Vasco da Gama* proposta no título.

No contexto da Exposição Universal, esta homenagem ao célebre navegador revestia uma dimensão fortemente simbólica. O feito de Vasco da Gama simbolizava toda a importância que as Descobertas portuguesas tiveram na história da expansão marítima mundial. Esta dimensão universalista ecoa das palavras do poeta Gabriel Marcel que, desde a introdução ao referido *Álbum*, saudava não só Gama mas a gesta do Povo Português:

A homenagem que hoje prestamos a Vasco da Gama, não se dirige só a ele /.../ vai direita a Portugal, a esse valente e orgulhoso pequeno povo que soube conquistar um império e mostrou aos sábios espantados que a Terra era maior do que julgavam¹⁶.

¹⁴ Ver Santos e Silva, 1999: 178.

¹⁵ Cf. A sua Introdução ao volume *Homenagem A Vasco da Gama, Stéphane Mallarmé, Hölderlin, Fernando Pessoa, Edição comemorativa do V Centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia (1498-1998)*, intitulada “Vasco da Gama e Mallarmé ou o Centenário de Além-Índia”, Lisboa, Assírio & Alvim, Fundação Oriente, 1998. Ver também a sua tradução de “Au seul souci de voyager” (“Ao só inquieto viajero”) no mesmo volume (p. 13).

¹⁶ Citado a partir da introdução de José Augusto Seabra a *Homenagem a Vasco da Gama, op. cit.*, 1998: 16.

Para além do belo soneto de Mallarmé – “Au seul souci de voyager”, que aqui evocamos – o *Album* inclui textos literários em verso ou em prosa da autoria de lídimos representantes da literatura francesa da época: Paul Adam, Paul Bourget, François Coppée, Léon Daudet, Gabriel Marcel, Camille Mauclair, Robert de Montequiou, Pierre Loti, Sully Prudhomme, entre muitos outros. Convém ainda referir a colaboração de pintores como Puvis de Chavannes, Carolus Duran, Jules Chéret, Léon Bonnat, Maurice Eliot, e de compositores tais como Saint-Saëns, Massenet, Th. Dubois ou Vincent d’Indy.

Especialmente concebido para esta publicação, “Au seul souci de voyager” é um dos muitos textos escritos pelo mestre do Simbolismo no período de grande celebridade e excepcional actividade poética e crítica do fim da sua vida. Mallarmé foi um homem de uma grande abertura de espírito. A exigência poética e a busca de pureza que sempre nortearam a sua obra não devem sonegar a mobilidade essencial do seu pensamento e de uma vida quiçá mais caracterizada pelo relacionamento e pela partilha de ideias que pelo famigerado hermetismo. Recolocado no seu tempo, tempo de grande perplexidade em face da “crise” da literatura mas também de um questionamento essencial do seu objeto, no contexto da “Revolução” charneira que liga o Simbolismo ao Modernismo, Mallarmé não se coaduna com a síndrome da misantropia. A sua participação em banquetes, tertúlias e conferências em vários países europeus traduzem atitudes criativas, concretas e circunstanciadas de troca de saberes e de experiências. Esta atitude é ainda corroborada pela sua colaboração em várias revistas poéticas difundidas na Europa, e até num magazine de moda – *La dernière mode* –, bem como pelas largas centenas de cartas trocadas com um vastíssimo leque de escritores, artistas e intelectuais franceses e estrangeiros. A mobilidade e a abertura essencial da obra mallarmeana, de longa e de complexa sedimentação mas também de irradiação *bors frontières* espelham, por outro lado, a energia que a literatura de língua francesa beneficiou na época¹⁷.

É nesta perspetiva alargada da literatura, que se compreende o interesse que Mallarmé revelou pela literatura simbolista produzida em Portugal. É reconhecido embora pouco conhecido o impacto do seu pensamento literário na geração

¹⁷ Que nos seja permitido remeter para o nosso estudo “Mallarmé: un (dé)placement avantageux dans la sphère symboliste” (Cabral, 2010: 228-251).

simbolista portuguesa¹⁸, desde as arrebatadas revistas *Insubmissos* e *Boémia Nova*, de 1889, ambas de Coimbra, à poesia de Eugénio de Castro, de António Nobre ou de Alberto de Oliveira, cujas vivências parisienses puseram em contacto com a “mêlée” simbolista e inovações poéticas que não tardou a introduzir em Portugal “contra os dogmáticos e estultos decretos dos velhos prosodistas” (Castro, 1927: 22) como o escreveu no célebre prefácio a *Oaristos*, com a – salutar – irreverência do seu espírito ‘novista’. À semelhança de muitos dos seus congéneres, europeus e não só, Eugénio de Castro gravitou por Paris e pelas célebres “Terça-feiras” do apartamento do mestre francês¹⁹, verdadeiro pólo de irradiação intelectual a uma escala internacional. Como o sublinhou Lloyd J. Austin na sua introdução ao volume IV da *Correspondência* de Mallarmé: “les Mardis de la Rue de Rome [...] attir[ai]ent l’élite de la France et du monde (Mallarmé, 1973: 8). Traçado brevemente este contexto, percebemos que, quando em Setembro de 1897, o mestre dos Simbolistas aceita participar no referido *Álbum*, uniam-no já a Portugal laços de amizade e de cumplicidade literária²⁰. Faz-lhe Camille Mauclair notar, em carta da mesma data, que as suas obras exerciam no nosso país “uma profunda influência”.

“Ô rêveuse pour qui je plonge
Au pur délice sans chemin”²¹

Vejamos pois de que modo como o poema “Au seul souci de voyager”, dedicado pelo mestre do Simbolismo a Vasco da Gama, substancia a imagem do navegador português e trata o tema marítimo, ao qual seremos sensíveis não só pelos motivos históricos evidentes e já mencionados, mas também porque a navegação, associada ao tema da escrita, é um dos traços mais singulares – se não a própria matriz – da obra de Mallarmé. Essa correlação está bem patente em

¹⁸ Sobre a influência do pensamento do mestre francês neste contexto, veja-se especialmente Chaste, Denyse «Eugénio de Castro et les symbolistes français», in *Mélanges Georges le Gentil*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1949, pp. 155-161 e Chaste, Denyse, «Eugénio de Castro et Stéphane Mallarmé», in *Revue de littérature comparée*, XXI, 2, 1947, pp. 243-253.

¹⁹ Sobre os percursos e a projecção de Eugénio de Castro na esfera das literaturas europeias de língua francesa nesta época, veja-se o estudo de Maria Hermínia Amado Laurel, (2001, 247-270).

²⁰ Espelhada outrossim na correspondência do poeta francês nomeadamente com Eugénio de Castro. Cf. Mallarmé 1973.

²¹ Stéphane Mallarmé, «Autre éventail de Mademoiselle Mallarmé», *Poésies*, in Mallarmé, 1998: 31.

poemas como “Brise marine”, “Salut”, entre outros com os quais “Au seul souci de voyager” dialoga e interage.

Au seul souci de voyager

Outre une Inde splendide et trouble

– Ce salut soit le messenger

Du temps, cap que ta poupe double

Comme sur quelque vergue bas

Plongeante avec la caravelle

Écumait toujours en ébats

Un oiseau d’annonce nouvelle

Qui criait monotonement

Sans que la barre ne varie

Un inutile gisement

Nuit, désespoir et pierrerie

Par son chant reflété jusqu’au

Sourire du pâle Vasco²²

Os versos de abertura evidenciam desde logo uma intensidade poética muito à maneira dos textos de maturidade de Mallarmé, caracterizados pela ausência dos adornos discursivos das primeiras obras e pela extrema elipse e depuração, como demandava a estética simbolista. As ruturas, interrupções e uma certa descontinuidade frásica, a redução da pontuação ao mínimo criam por outro lado uma disjunção sintática peculiar, que, como sabemos, tem o seu ponto culminante no derradeiro e revolucionário *Un Coup de dés n’abolira jamais le hasard* (1897). A este propósito, assinala José Augusto Seabra na sua introdução a *Homenagem a Vasco da Gama* que este poema de Mallarmé: “... é dos mais complexos e difíceis, pela sua estrutura sintática e pelas suas ambiguidades semânticas, que os transportes suaves ou abruptos, bem como as ressonâncias

²² Stéphane Mallarmé, 1998, p. 40.

rimáticas acentuam (1998: 17), acrescentando que “um halo de mistério fica a pairar a cada leitura” (*idem*).

A abertura vibrante, centrada na imagem da viagem e do brinde, coloca desde logo o discurso no registo próprio da homenagem. Fiel à estética da sugestão – princípio mestre da estética simbolista – Mallarmé não nomeia Vasco da Gama, cujo nome aparece só no final do soneto – segundo um procedimento bastante habitual no poeta. Note-se, desde logo o relevo dado à expressão “Au seul souci”, associada a imagem da viagem “*oultre* une Inde splendide et trouble”, que evoca a ideia de um navegador que tem a preocupação de viajar não em direção a, mas “oultre” – “além-Índia”²³ –, um navegador que sabe que, mais importante do que o objetivo – alcançar novas terras –, é o meio, a viagem, pois o rumo da caravela não é apenas o rumo da História mas ultrapassa a própria História; permite – como o sugere o último verso da primeira estrofe – dobrar o cabo do tempo – e o do esquecimento. Do mesmo modo, para o poeta, reaver o tempo é incorporá-lo no mistério da linguagem, no mistério do ser, cuja essência é a própria linguagem, lembrando a sua célebre “Definição da Poesia”²⁴ de 1886.

A viagem “de além-Índia” é por certo, épica, e por isso, sinónimo de aventura e de perigo. É “esplêndida e torva” ao mesmo tempo, porquanto implica esforço contra os elementos – o Oceano, o trovão, os ventos. Como o distinguiu Camões, em versos inesquecíveis dos seus *Lusíadas*, essa é a própria essência da aventura marítima:

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam;
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando.²⁵

A leitura do soneto *Au seul souci de voyager* revela contudo que a característica essencial da viagem é de ter um rumo intemporal. “Mensageira do tempo”, a

²³ Segundo a tradução de José Augusto Seabra (1998: 13).

²⁴ Enuncia assim o poeta a sua “Definição da poesia” na revista *La Vogue* de Julho de 1886: «La poésie [...] est l'expression, par le langage humain ramené à son rythme essentiel, du sens mystérieux des aspects de l'existence: elle doue ainsi d'authenticité notre séjour et constitue la seule tâche spirituelle».

²⁵ *Os Lusíadas*, Edição Comemorativa do IV Centenário, Lisboa, Imprensa Nacional, 1972, p. 4.

viagem não representa um fim mas um devir, um sentido dinâmico que assegura o *perpetuum mobile*, tão afim do fenómeno complexo da criação literária, da sua viagem sem rumo, da sua *incerteza*²⁶, inseparável da sua contingência. Por essa mesma razão, a escrita se oferece como uma caravela, onde as velas criam novos sentidos, num gesto de aventura, de abertura e de negação. Através desse gesto e por ação dele, a poesia torna-se “ivresse nouvelle” e os poetas, quais albatrozes, desde Baudelaire, conquistam o seu espaço de liberdade e vencem a adversidade da morte, ou, pior, do esquecimento. O que emerge assim, para além da figura de Vasco da Gama, é a do próprio poeta e, para além da dimensão epopeica da viagem do descobridor, é o triunfo que a *viagem* – momento de travessia entre o eu e o outro, o aqui e o além, o conhecido e o desconhecido²⁷ – permite sobre a morte, sobre o tempo – vocábulo posto em relevo pelo processo do encavalgamento e pela belíssima metáfora a este associado – “cap que ta poupe double”. Estão aqui presentes dois traços essenciais e intimamente correlacionados do simbolismo mallarmeano: a sugestão e o idealismo poético.

Esta viagem, que, como sugerimos, não deixa de ser a projeção da figura de Vasco através dos séculos mas alude também à viagem do poeta, não tem espaço nem tempo fixos. Eleva-se para além do episódico, do contingente e coloca o herói numa perspectiva “de cima”, a mesma que, desde muito cedo, norteou a conceção de literatura de Mallarmé. Lembremos, a título de exemplo, o primeiro verso do poema “Le Guignon” (1862) que pretende colocar o poeta “Au-dessus du bétail ahuri des humains”. Também o “salut” dirigido a Vasco através deste poema eleva o pálido navegador para além do tempo, liberta-o da morte, pela conquista de um lugar na memória cultural. Esta é a temática fundamental do poema, em perfeita harmonia com o seu carácter de homenagem.

Espuma, brinde, navegação, popa... estes motivos conduzem-nos a um outro poema de Mallarmé, incontornável, pelos ecos intertextuais que cria com o que aqui hoje apresentamos. Trata-se do poema “Salut”, texto liminar da coletânea *Poésies*, que, por esse valor paratextual de entrada (reforçado pelo uso expresso

²⁶ Sublinho, remetendo para a definição de literatura recentemente proposta por Manuel Gusmão: “ciência da incerteza ou mais rigorosamente ciência capaz de lidar com a incerteza que afecta o seu objecto de estudo” (Gusmão, 2010: 165).

²⁷ Paul Bénichou situa o “symbolisme de voyage et d’aspiration idéale” na “filiation de l’utopie mallarméenne” (1995: 487), presente trinta e três anos antes em “Brise Marine”. *Vide* Paul Bénichou *Selon Mallarmé*, Paris, Gallimard, coll. “Folio Essais”, 1995, pp. 483 e segt.

do itálico) se apresenta no livro como uma saudação ao leitor. Lê-se, assim, na primeira página de *Poésies*:

Salut

Rien, cette écume, vierge vers

A ne désigner que la coupe

Telle loin se noie une troupe

De sirènes maintes à l'envers

Nous naviguons, ô mes divers

Amis, moi déjà sur la poupe

Vous l'avant fastueux qui coupe

Le flot de foudres et d'hivers.

Este texto, cujo primeiro título fora “Toast”, foi escrito e lido por Mallarmé por ocasião do sétimo banquete de poetas da revista *La plume*, dado em sua honra, a 9 de Fevereiro de 1893. Nessa ocasião o mestre dos simbolistas ter-se-á dirigido de pé, e de taça de champanhe na mão, a uma larga assembleia de poetas, escritores, escultores e pintores amigos: Verlaine, Zola, Rodin, Cazals, entre muitos outros. Liga-se, assim, ao outro poema pelo seu caráter de circunstância. Mas “Salut” está também construído em torno das imagens brinde > *espuma* > *mar* > *barco* > *escrita* > *vela* > *folha em branco*. Também neste “salut” o poeta se apresenta como um poeta navegando noite dentro, desafiando os mares da escrita e os perigosos elementos (“le flot de foudres et d’hivers”), e, porventura, o canto das sereias do primeiro verso²⁸, vagueando pois entre o fácil naufrágio e o imperativo regresso, na tentativa de descobrir sentidos novos, de arrancar o discurso da “universal reportagem” que Mallarmé reconhecia na banalidade de alguma literatura contemporânea²⁹, numa tentativa de solicitar ao leitor igual desafio e igual esforço em ir *além* do significado imediato, em descobrir novos rumos na viagem da leitura. E daí a carga extremamente *positiva* – porque

²⁸ Vale a pena referir os ecos intertextuais criados com os *Lusíadas* de Camões.

²⁹ Ver designadamente as secções “Crise de Vers”, “Quant au Livre” e “Crayonné au Théâtre” de *Divagations*.

desafiadora de sentido – da palavra “*Rien*” (nada), bem destacada pela vírgula, que abre a referida coletânea.

Também no “*Salut*” a Vasco da Gama, a aventura é menos marítima do que, decerto, a viagem da escrita, a escrita que afinal, permite – tem permitido, como vimos na primeira parte da nossa comunicação, no caso de Vasco da Gama – a elevação do humano em mítico, ou mesmo em divino.

Esta busca de elevação para além do terrestre, do humano, do visível, realçada neste soneto, é premente em Mallarmé, desde os ímpetos de “*Brise marine*” – “*Fuir-là bas, fuir*” - ou de “*Azur*”, em que a temática da navegação aparece sempre como metáfora da aventura da escrita. Lembremos, a título ilustrativo, “*Brise Marine*” (1865):

La chair est triste, hélas! et j'ai lu tous les livres.
Fuir! Là-bas fuir! Je sens que des oiseaux sont ivres
D'être parmi l'écume inconnue et les cieux!
Rien, ni les vieux jardins reflétés par les yeux
Ne retiendra ce coeur qui dans la mer se trempe
O nuits! ni la clarté déserte de ma lampe
Sur le vide papier que la blancheur défend
Et ni la jeune femme allaitant son enfant.
Je partirai! Steamer balançant ta mâture,
Lève l'ancre pour une exotique nature!
Un Ennui, désolé par les cruels espoirs,
Croit encore à l'adieu suprême des mouchoirs!
Et, peut-être, les mâts, invitant les orages
Sont-ils de ceux qu'un vent penche sur les naufrages
Perdus, sans mâts, sans mâts, ni fertiles îlots...
Mais, ô mon coeur, entends le chant des matelots!

O desejo de superar os limites de uma vida tediosa – configurada na imagem do aleitamento materno – é expresso através da temática da fuga, e dos motivos do apelo dos pássaros “ébríos” e da “espuma do desconhecido”. Opõem-se assim ao *taedium vitae* ou “Ennui” (verso 12) da vida doméstica e da desmotivação

poética, os chamamentos do mar à partida e à descoberta (manifestos no uso massivo do ponto de exclamação).

Recordemos agora o poema “L’Azur” (1864) em que a temática da fuga novamente se associa à busca para além do visível, num confronto constante com o abismo da impotência poética e do *Ennui*:

De l'éternel azur la sereine ironie
Accable, belle indolemment comme les fleurs
Le poète impuissant qui maudit son génie
A travers un désert stérile de Douleurs.

Fuyant, les yeux fermés, je le sens qui regarde
Avec l'intensité d'un remords atterrant,
Mon âme vide, Où fuir?
[...]

En vain! L'Azur triomphe, et je l'entends qui chante
Dans les cloches. Mon âme, il se fait voix pour plus
Nous faire peur avec sa victoire méchante,
Et du métal vivant sort en bleus angelus!

Il roule par la brume, ancien et traverse
Ta native agonie ainsi qu'un glaive sûr
Où fuir dans la révolte inutile et perverse?
Je suis hanté. L'Azur! L'Azur! L'Azur! L'Azur!

Igualmente no “Bateau Ivre” de Rimbaud, o azul do oceano profundo metaforizava o mundo do infinito procurado pelo poeta “fileur éternel des immobilités bleues”. A noção de ‘absoluto’ em Mallarmé ultrapassa no entanto a ideia de transcendência, muito presente em Rimbaud e em Baudelaire, para conferir à sua busca um sentido puramente estético. Como o observou Bertrand Marchal, Mallarmé separa-se da herança baudelairiana dos seus primeiros poemas, empenhando-se “[dans] un art qui relèvera davantage de l’artisanat verbal que de la stérile interrogation ontologique” (Marchal, 1985: 29). E segundo Lloyd James

Austin é a partir do poema “Las de l’amer repos” (1866), que a obra do poeta de Tournon não se pautará mais pelo “lyrisme personnel angoissé” mas pela “recherche de la beauté pure” (Austin, 1967: 449).

Lembremos a este propósito que Mallarmé define frequentemente o Livro como explicação órfica, numa preclara dimensão ontológica, como neste texto “Sur le Théâtre et le livre” (1886):

Je crois que la Littérature, reprise à sa source qui est l’Art et la Science, nous fournira un Théâtre dont les représentations sont le vrai culte moderne, un Livre, explication de l’homme, suffisante à nos plus beaux rêves (Mallarmé, 2003: 657).

A poesia torna-se assim espaço por excelência onde o poeta e o absoluto se podem encontrar. Através da linguagem, o poeta ascende a uma “ivresse nouvelle”, para retomarmos a expressão do poema a Vasco da Gama, e atinge aquilo que Mallarmé e os simbolistas designaram como “le sens du mystère”.

Regressemos ao nosso poema e observemos que, a partir da segunda estrofe, o discurso poético se substancializa num plano rítmico e imagético de navegação atlântica – a caravela a “entornar-se no mar”, a espuma, o leme, a noite – em registo efabulatório pela presença da ave estranha e enigmática (“un oiseau d’ivresse nouvelle”). Retoma pois Mallarmé o motivo do pássaro, da *ivresse*, e do canto – presente em “Brise Marine” (“*je sens que des oiseaux sont ivres*”) que, de asas flanqueadas, vem anunciar – qual arauto - a proximidade não de uma terra nova mas de “un inutile gisement” (um tesouro inútil³⁰): “desespero e pedras preciosas”. Na verdade aquele que viaja verdadeiramente fá-lo “au seul souci de voyager”, sabe que as riquezas prometidas são tesouros “inúteis”, em face das belezas do caminho percorrido e do conhecimento que este proporciona. O que importa é criar e recriar o deslumbramento perante o desconhecido, num gesto conciliador do homem com o universo circundante.

Explorador do universo, num ato apostado em ultrapassar barreiras, o sujeito poético acaba pois por se identificar com o Poeta que procura a “explication orphique de la Terre” (Mallarmé, 2003: 787), que vê o universo palpitante de correspondências secretas, misteriosas e intuitivas; as de um canto enigmático

³⁰ Minha tradução.

e porventura solitário refletido, pela luz da noite, no rosto do “pálido Vasco”. Ganha assim uma aceção mais profunda e mais simbólica a palavra ‘Noite’, em relevo no início da terceira estrofe, pela posição do vocábulo e pela presença da vírgula, que, à semelhança do último verso da primeira estrofe, que isola o vocábulo ‘tempo’ (“Du temps”), afrouxa a estrutura do verso para aludir de novo à morte – simbolizada na noite. É esse canto refletido pela luz da noite no mar que nos conduz finalmente à imagem do ilustre navegador português. À sua melhor maneira, Mallarmé concilia som, imagem e sentido. Vejamos: o “canto” da ave noturna vem, na noite iluminada pelo brilho das estrelas (“pierreries”) refletido na água, espelhar-se no rosto solitário de Vasco, “pálido”, marmóreo, porque já projetado através dos séculos até ao aqui/agora do poema. Esta *transposição*³¹ da referencialidade histórica, figurativa e, portanto, mimética, em dimensão mítica e altamente simbólica é bem elucidativa da escrita poética de Mallarmé. E da historicidade do Poema, inseparável da historicidade da linguagem, como o evidenciam os trabalhos de Henri Meschonnic³².

Repetem-se, assim, três forças fundamentais da poesia mallarmeana, presentes nos outros dois poemas: ‘*solidão*’ (condição primordial do poeta moderno, desde Baudelaire), ‘*viagem*’ (em busca de sentido, em confronto constante com o desconhecido e com o acaso), e ‘*ivresse*’ (o “novo” inacessível mas também inelutável, ao apelo do qual o poeta / o navegante não pode resistir). Essa é a causa da demanda e da procura de todo o “inquieto viajero” (Seabra, 1998:13), já que o *sentido* não está tanto no que se vê ou que se conhece – *les mots de la tribu*, quando se é poeta – mas no que deriva do que se vê ou do que se conhece – *autre chose que les calices sus* – se continuarmos com Mallarmé, ou seja, na relação “transpositiva” que a escrita imersivamente configura e na experiência e-mocional que a leitura *gostosamente* interpela.

³¹ Na aceção metapoética deste termo em Mallarmé. Veja-se designadamente o *Hommage* a Théodore de Banville: «*La divine transposition, pour l'accomplissement de quoi existe l'homme, va du fait à l'idéal*» (Mallarmé, 2003: 144).

³² Refira-se a título ilustrativo *Modernité, Modernité*, Paris, Verdier, 1988, no mesmo sentido, *Poétique du traduire*, Paris, Verdier, 1999, que define o campo do *traduzir* como campo por excelência para pensar a teoria da linguagem e a historicidade.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Stéphane Mallarmé

- MALLARMÉ, Stéphane (1998, 2003) *Œuvres complètes*, édition présentée, établie et annotée par Bertrand Marchal, Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, t. I et II.
- _____, (1973) *Correspondance*, IV, Éd. Henri Mondor et Lloyd James Austin, Paris, Gallimard.

Outras referências

- AUSTIN, Lloyd (1967) “Mallarmé disciple de Baudelaire: “Le Parnasse Contemporain”, in *Revue d’Histoire littéraire de la France*, avril-juin, pp. 437-449.
- AZEVEDO E SILVA, José Manuel e DOS SANTOS, João Marinho (1999) *Vasco da Gama, a Honra, o Proveito, a Fama e a Glória* Porto, Ed. Ausência.
- BENICHOU, Paul (1995) *Selon Mallarmé*, Paris, Gallimard, Col. “Folio Essais”.
- CABRAL, Maria de Jesus (2010) “Mallarmé: un (dé)placement avantageux dans la sphère symboliste”, in *Nineteenth-Century French Studies*, University of Nebraska, Lincoln, nº 38, 3-4, Spring-Summer, pp. 228-251.
- _____, (2007) *Mallarmé hors frontières. Des défis de l’Œuvre au filon symbolique du premier théâtre maeterlinckien*, Amsterdam/New York, Editions Rodopi, col ‘Faux Titre’, nº 297, 362 p.
- CAMÕES, Luís de (1972) *Os Lusíadas*, Edição Comemorativa, Lisboa, Imprensa Nacional.
- CASTRO, Eugénio de (1927) *Oaristos – Horas – Silva, Obras poéticas*, Lisboa, Lumen, vol. I.
- CIRURGIÃO, António (1989) “A Divinização do Gama de *Os Lusíadas*”, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, vol. XXVI.
- GUSMÃO, Manuel (2010) *Tatuagem & palimpsesto – da poesia em alguns poetas e poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- LAUREL, Maria Hermínia Amado (2001) “Eugénio de Castro, docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: dos caminhos da Velha Alta coimbrã, à consagração europeia”, in *Actas do I Colóquio da A.P. H.E.L.L.E* (Associação Portuguesa para a História do Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras), Aveiro.
- MARCHAL, Bertrand (1985) *Lecture de Mallarmé*, Paris, José Corti.
- MESCHONNIC, Henri (1988) *Modernité, Modernité*, Paris, Verdier.
- _____, (1999) *Poétique du traduire*, Paris, Verdier.
- MICHAUD, Guy (1994) *Le Symbolisme tel qu’en lui-même*, Paris, Nizet.
- SEABRA, José Augusto [org. e Introdução] (1998) *Homenagem a Vasco da Gama, Stéphane Mallarmé, Hölderlin, Fernando Pessoa*, Edição comemorativa do V Centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia (1498-1998), Lisboa, Assírio & Alvim, Fundação Oriente.
- TORGA, Miguel (2010) *Diário, vols I a IV*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.